

crítica



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Apesar da Sta. Casa, um espetáculo obrigatório

Durante o período da Covid-19, a atriz e diretora Deborah Finocchiaro idealizou uma série dramática de vídeos, denominada *Confissões da casa*. Nela a partir de relatos verídicos, coletados ao longo do tempo, cada vídeo, de cerca de 40 minutos, enfocava um caso acontecido, através de depoimentos dramatizados com a participação de diferentes atrizes locais. A série teve repercussão, quer pelo tema em si, mais do que necessário, quer porque abriu um espaço alternativo de trabalho, já que contava com financiamento público. A ideia amadureceu e agora temos o espetáculo *Confessionário - Relatos da casa*, em que não se realiza apenas uma montagem sintetizada de toda aquela série, mas um novo produto, um espetáculo de palco, com a participação de duas atrizes (uma das quais cantora) e um ator, que também é músico, com cerca de hora e meia de duração.

O tema se ampliou. As violações contra mulheres se somaram as violações às mulheres negras e, inclusive, a jovens que, mais tarde, enfrentarão a difícil qualificação de população LGBT+. Ou seja, o espetáculo apresenta uma maturidade e uma amplitude de horizontes mais do que apropriada, uma vez que, embora a violência contra as mulheres seja a melhor documentada neste momento, não é menos verdade que outros segmentos enfrentam desafios extremamente difíceis, sobretudo porque tais ocorrências são socialmente invisíveis.

O roteiro original de Deborah Finocchiaro apresenta relatos de Gabriela Souza, Dana de Jade e Alice Ribeiro, Andréia Cavalheiro, Cristina Flores, Juçara Gaspar, Lizete Castro Martinez e Valéria Barcelos, contando com orientação cênica de Sílvia Canarin e assistência de direção de Nora Prado, direção de vídeos de Luiz Alberto Cassol e edição de Deborah Finocchiaro, trilha sonora de Angelo Primon, numa primorosa produção da Cia. de Solos & Bem Acompanhados, resultando num trabalho que necessariamente deveria tornar-se obrigatório para os adolescentes de segundo grau de nossas escolas, sobretudo para os rapazes, afim de prevenirem-se os comportamentos machistas e homofóbicos que depois se consolidam e se tornam habituais, infelizmente.

Para além dos casos escolhidos para constituir o espetáculo, vale a pena destacar que estamos efetivamente diante de um espetáculo de teatro.

Sua narratividade se organiza através de elementos dramáticos de cena, como a constante troca de figurinos, a projeção dos vídeos, a utilização da música ao vivo, o elemento tanto cômico quanto dramático, contrastando entre si, para dinamizar todo o trabalho. Deborah Finocchiaro é a principal animadora da cena, mas Andréa Cavalheiro - uma das depoentes, diga-se - além de trazer o ponto de vista do segmento negro, é uma cantora de surpreendente e cativante musicalidade, o que empresta a sua figura uma empatia imediata, de que muito lucram suas intervenções cênicas. Do mesmo modo, Angelo Primon, além de músico, é também o intérprete masculino, fazendo um equilíbrio dramático entre as vozes femininas e a dele.

Desta sorte, o espetáculo escapa do lamuriento e do discursivo, construindo-se como um belo exemplo do que, nas últimas décadas, tem-se denominado de teatro documento (a partir de Erwin Piscator e Peter Weiss, por exemplo, como referências internacionais; ou o hoje clássico *Luis Antonio-Gabriela*, de Nelson Baskerville): tem ritmo, desenvolve um tema sob a perspectiva dramática necessária ao teatro e varia constantemente seus enfoques e as ferramentas de que se vale, mantendo o interesse, a suspensão e a eficiência da narrativa. É evidente

que tudo isso acontece a partir do roteiro dramático, dos próprios depoimentos escolhidos, mas também da qualidade dos intérpretes. Um espetáculo maduro, obrigatório, destaque - sobretudo para os homens se darem conta do que provocam, mesmo sem pretenderem.

Apresentado no teatro do Centro Cultural da Santa Casa, em relação aos demais espetáculos a que venho assistindo no festival, não chegou a lotar a sala. Por que? Imagino que seja consequência de uma série de medidas que a direção da instituição vem tomando, de extrema antipatia para com os espetáculos que ali se apresentam: a cobrança do estacionamento, que antes era única e, portanto, podia ser antecipada, facilitando a saída, agora tem de ser paga apenas ao final, o que provoca filas; e o espectador agora é obrigado a usar uma pulseirinha, como se estivesse num show. Parece que na Santa Casa há dois comandos: um quer apoiar as artes, outro quer distanciar o espectador. Quem paga o pato são os espectadores e, claro, as produções.

O espetáculo escapa do lamuriento e do discursivo - um belo exemplo do que tem sido denominado de teatro documento

acontece

Ozzy sabia que tinha pouco tempo de vida, diz Sharon Osbourne

Ozzy Osbourne morreu em 22 de julho de 2025, pouco depois de seu último grande show, realizado no dia 5 daquele mesmo mês. Em uma nova entrevista ao podcast *Dumb Blonde*, Sharon Osbourne, viúva e empresária do lendário vocalista, contou que o astro sabia que tinha poucas semanas de vida quando decidiu fazer a mega apresentação.

“Duas semanas antes do show, disseram que ele provavelmente poderia morrer, e ele morreu. Mas ele queria muito fazer isso. Ele precisava disso”, disse Sharon. O show, o último da carreira de Ozzy com o Black Sabbath, aconteceu em Birmingham, na Inglaterra.

Segundo Sharon, Ozzy dizia: “Quer eu morra em duas semanas ou em seis meses, eu vou morrer de qualquer jeito. E quero partir do meu jeito.” Menos de três semanas mais tarde, Ozzy morreu, aos 76 anos, de uma parada cardíaca em decorrência de doença arterial coronariana e Parkinson.

Ela também revelou que, no início de 2025, Ozzy enfren-

tou uma sepse - que consiste em uma resposta inflamatória descontrolada do corpo a uma infecção, podendo levar à morte. Naquele momento, diz ela, a lenda do rock e a família sabiam que era hora de começar a pensar sobre o pouco tempo que lhe restava.

“Quando a gente foi para a Inglaterra, ele passou uma semana no hospital. Quando ele saiu, os médicos falaram: ‘Ozzy, você sabe que isso pode te matar’. E ele respondeu: ‘Vou fazer o meu show’. Ele partiu como um rei”, compartilhou ela.

Sharon acrescentou: “Quando você viveu sua vida dessa maneira, você pensa: ‘OK, mais seis meses para partir do jeito que eu quero’. É como quando alguém que fuma fica bem velho, chega aos 78 anos, e você pensa: ‘Deixa ele fumar. Deixa ele em paz. Ele tem 78 anos’. Ele partiu do jeito que queria.”

A empresária desabafou que ainda está achando “difícil” aceitar a perda. “Vou continuar trabalhando e vou continuar fazendo o que faço na minha vida. E é isso”, disse.



Vocalista morreu pouco mais de duas semanas depois do show de despedida

A coluna de cinema, assinada por Hélio Nascimento, não será publicada nesta semana